

A ESTAÇÃO DAS UVAS

MARISA

Sandra Lyon

Faculdade de Medicina — 4º ano

A moça apanhou o cesto e caminhou de pés descalços pela trilha atapetada de folhas. Chegou, no entanto, um pouco tarde à parreira, onde as uvas já haviam sido chupadas pelo sol. E ele ia alto, deitado no céu, entregue à sesta.

De volta, a moça pensava nesses estranhos caprichos enquanto falava à mulher de ventre inchado que essa não era uma estação propícia às uvas. A mulher fez cara enfezada, ameaçou um choro fácil, sempre submissa às vontades daquele parasita que palpitava em suas entranhas. Sujeita às suas fúrias, aos enjoos, náuseas ou vômitos.

O homem, segurando com a mão o serrote, jogou longe o toco de cedro que logo se acomodou no chão. Se não é tempo de uva, paciência. O suor escorrendo no rosto como fios lustrosos, ele voltou a tratar a madeira bruta numa fúria cega, decidida. Pensou uma vez, pensou duas vezes, já resignado a ir à cidade mesmo sabendo que não encontraria aquele fruto tão fora da estação chuvosa. Voltaria, no entanto, aliviado da culpa de negar a seiva para crescimento e floração do ser que ele semeara no ventre da mulher, outrora pequeno e tenro. E que ele regara por tantas noites, pensando sempre que não vingaria uma semente daquelas na época do estio.

Construía, agora, ali uma estufa para secar o alho, já trançado em réstias. No terreno perto da casa, ele trabalhou

a terra dura com enxada, picareta e pás. Fincou os esteios que se acomodaram nos buracos de olhos vidrados encarando o céu tão limpo de nuvens brancas. Esses cepos vieram da mata à força de braços, o tronco lavrado e arrastado até o carro de bois. Então, o homem experimentou a fortaleza dos esteios e riu divertido ao pressentir que o vento pulsava à distância.

Dentro da casa a mulher enrosca-se em afazeres domésticos consumindo os seus dias cheios de tédio numa rotina desapiedada. Na cozinha ela preparou o fermento, esperando com resignação que crescesse, inchasse como os cogumelos crescem, como o seu ventre estufava dia após dia. Num andar gíngado trouxe da despensa a farinha que despejou na gamela, misturou o fermento, leite, ovos. O sal acentua o sabor dos ingredientes, ela pensa em voz alta. E amassa tudo de maneira obstinada, dá formato aos pães. Assim comanda a disposição deles no tabuleiro de flandres levado ao forno. Os pães saem de lá com uma cor dourada, e, quando o homem mastiga os pedaços aos arrancos, parecem mesmo ter preservado a calidez do forno em que foram torrados.

Depois de errar uma hora do quarto à cozinha, o homem olha com certo constrangimento a mulher dilacerada em dor. O alívio não tardará, pensa. Os animais se acasalam, nascem os bezerras, peixes, cães, perdizes e gatos numa mansidão e naturalidade de se espantar, num leve estremecimento de flor na ânsia de se abrir. A parteira não denota surpresa, tem o olhar e gestos lentos demais, a sua face é enrugada e murcha como fruta madura em demasia. Assim prepara ervas, chás e rezas, aguarda a hora.

As paredes da estufa sobem dentro dos esteios, brotam da terra. Os adobes são empilhados num desenho repetido, ajustados com o barro amassado junto ao ribeirão. A cumeeira é assentada, depois o homem atrela os caibros entre uma cisma e outra. Sentado nas vigas, mais tarde ele cobrirá a estufa com as telhas empilhadas, catalogadas com o gosto do lodo, terra e polidas por várias gerações de chuvas.

Será que ainda demora muito?, pergunta o homem enquanto uma telha escapa-lhe das mãos, espatifando-se no chão num baque surdo. As dores se prolongavam há horas, aquelas vidas querendo se separar uma da outra. O baixo-ventre é como tumor prestes a supurar-se, de repente, sem ser lancetado: aflora à superfície a carne rósea, gomenta daquele fruto maduro que se desprende do talo. Perdido tanto tempo no labirinto, um poço escuro, a claridade é um choque, e o homem escuta, entre o alívio e o susto, o choro alto, com a força de um grito.

Aliviada e menos feroz, a mulher agasalha a nova vida. Assim, o homem entra no quarto na ponta dos pés, acerca-se da cama, debruça-se para examinar os traços do filho. Depois apaga o candeeiro, escutando o bater da cancela, o murmúrio de vozes que se afastam. Então, ele sente no rosto a aspereza da barba crescida e vela, ali, com olhar enternecido o sono acumulado da mulher e filho, retemperando as forças perdidas.